

NOSSAS MULHERES

500 ANOS FAZENDO BRASIL

500 ANOS FAZENDO BRASIL

entre nós

Assim que surgiu a idéia deste especial, tirei a certeza de que seria um belo desafio. Queríamos contar a você pequenas histórias de grandes mulheres que representassem a participação feminina na construção da nossa cultura, do nosso país, desde o Descobrimento até os dias de hoje. CLAUDIA, a primeira revista feminista a falar de tantos assuntos polêmicos e que leva em suas páginas Carmen da Silva, uma das mais famosas feministas do Brasil, não poderia deixar de celebrar nesse dia os feitos de tantas mulheres abertas, corajosas, inteligentes, otimistas, protetoras.

A Sibelle Pedral, editora-sênior de CLAUDIA, coube a tarefa de pesquisar, organizar e editar *Nossas Mulheres*, com a colaboração das editoras Ana Leite, Cecília Prado, Mônica Manz e Patrícia Zaidan. O que posso dizer é que à medida que ia lendo, tinha um texto que flui, gostoso de ler, chorei, dei risada, surpreendi-me e, por tudo isso, senti um enorme orgulho em oferecer este presente a você. Afinal, a história delas é um pouco a história da nossa própria vida.

Um grande abraço

Célia Pardi

Diretora de redação

4 MARÇO • 2000 • NOSSAS MULHERES

Foto: Imprensa da revista CLAUDIA - APF - NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

O que os livros de escola não contam

Índias, negras e brancas, valentes e vilãs, ricas ou pobres, famosas ou anônimas, elas escreveram a nossa história e nos ajudam a entender o Brasil de hoje

Quando chegou ao Brasil, em 1549, para cuidar da vida espiritual dos súditos da Coroa portuguesa, o jesuíta Manuel da Nóbrega levou um suspeito como essa: nasceu em Portugal, mas portuguesas viviam trópicos, muitas portuguesas viviam amassadas com indias. Escandalizado, escreveu uma carta ao rei de Portugal, dom João III, pedindo que enciasse as brasilienses brancas em idade de casar para combater os abusos da sociedade colonial.

Seu apelo foi atendido: dois anos depois, desembocaram no Brasil as primeiras candidatas, chamadas de órfãs da rainha. Eram moças solteiras, de verdade intocada, filhas de nobres – quase sempre ricos – mortos a serviço da Coroa nas expedições marítimas. Como não viam a cor da fortuna paterna, quase sempre destinada aos herdeiros do sexo masculino, essas mulheres eram encarafadas em conventos. Só podiam sair deles para casar-se no dia em que ofereceram este presente a você. Afinal, a história delas é um pouco a história da nossa própria vida.

Aventuras saborosas como essa dão bem a medida de como a história das mulheres do Brasil é rica e emocionante do que ensinam os nossos livros de escola. Pense, por exemplo, na princesa Isabel, filha do imperador Pedro II. Sabemos que assistiu a Lei Áurea, libertando

os escravos. Pouco se fala que Isabel foi a única mulher até hoje a administrar o Brasil, o que ocorreu em 10 ocasiões durante as viagens do pai.

Mas, até que se chegasse a tanto, foi preciso que as mulheres brasileiras percorressem um caminho enroscado. No século XVI, era normal afirmar que elas só deviam sair de casa em três ocasiões: para ser batizadas, para casar e para ser enterradas. A maioria casava-se por volta dos 12 anos e, se aos 15 não tivesse marido, já era praticamente solteira. Os homens tinham plenos poderes sobre suas vidas. Segundo o historiador Emanuel Anadão*, era frequentemente aceitável que um marido, ao viajar, confiasse a esposa a um "recollimento", espécie de conservatório onde ela ficaria a salvo das tentações do adultério.

Em pleno século XIX, ainda eram reprimidas, como mostram os decretos mandados para a mídia publicados em 1838 por um jornal da cidade de Desterro, nome da capital de Santa Catarina na época. Dois deles: "não a vosso marido sobre todas as coisas" e "não o alimenteis com exigências, caprichos e amores". Há apenas meio século, nos anos 50, as revistas femininas aconselhavam as mulheres a fechar os olhos às infidelidades dos maridos e a tentar conquá-lhos agindo como geraças,

Sempre que encontravam uma leitura, nossas mulheres iam à luta. Nas Minas Gerais do ciclo do ouro, enquanto os homens se ocupavam dos garimpos, elas chegavam a responder por 20% das vendas em Vila Rica, atual Ouro Preto. Na região Sul, no século XIX, comandavam estâncias. Mas são histórias difíceis de registrar. Os documentos são escassos e há pouca literatura sobre o assunto.

Em meados de 1997, a organização não governamental carioca Rede de Desenvolvimento Humano (Redeh) decidiu encarar o desafio. Com a produtora Arte sem Fronteiras, pôs na rua uma equipe de dez pesquisadoras para levantar a história das nossas mulheres. Dessa pesquisa nasceu o projeto multimídia Mulher 500 Anos Ativis dos Pares, incluindo o dicionário *Mulheres do Brasil*, que deve chegar às livrarias em junho com 600 verbetes abrangendo desde o período colonial até 1975. "Esse foi o Ano Internacional da Mulher", explica Schiana Schumacher,

coordenadora do projeto. "Daf em diante, consideramos que as mulheres não atuam mais atrás dos paços – passaram para a linha de frente."

Em um ano e meio de trabalho, a equipe levantou o impressionante número de 1 111 nomes. De algumas mulheres não se sabe data de nascimento nem de morte – só chegou aos nossos dias uma díscia história de ouvidoria. Os pesquisadores viajaram

por quatro Estados, consultaram os arquivos da Torre do Tombo e do Conselho Ultramarino, em Portugal, folhearam os livros dos inquisidores que passaram pelo Brasil. Descobriram relatos extraordinários, como o da primeira mulher a queixar-se de assédio sexual num epis-

* Em artigo publicado no livro *História das Mulheres do Brasil*, de Mary Del Priore (organizadora) e Carla Bressane (coordenação de texto), Contexto, 418 págs., R\$ 30.



Os pesquisadores (à partir da esq.): Enrica Vital Brazil, Erika Arantes, Camilla Alves, Schiana (no alto), Rosângela Lopratto, Hildete Pereira de Melo e Regina Celi de Oliveira



Foto: reprodução da Revista Mulheres

Galeraram neste edição: Mozart (acima) (foto gráfica: Christiane Gonçalves; Ana Teresita Clemente (acima); e Juliana Valente (esquema)